



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

CAMILA FERNANDES

**A AUTORIDADE DOS PAIS E PROFESSORES DE CRIANÇAS
PEQUENAS: RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA**

MARINGÁ

2013

CAMILA FERNANDES

**A AUTORIDADE DOS PAIS E PROFESSORES DE CRIANÇAS
PEQUENAS: RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC –
apresentado ao Curso de Pedagogia como
requisito parcial para cumprimento das
atividades exigidas na disciplina do TCC.

Orientação: Profa Dra Solange Franci
Raimundo Yaegashi

Co-Orientação: Profa Dra Luciana Maria
Caetano

MARINGÁ

2013

CAMILA FERNANDES

**A AUTORIDADE DOS PAIS E PROFESSORES DE CRIANÇAS PEQUENAS:
RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA**

Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para obtenção do título de Pedagoga, sob a orientação da Professora Doutora Solange Franci Raimundo Yaegashi.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^a Solange Franci Raimundo Yaegashi

(Universidade Estadual de Maringá)

Prof^ª Elsa Midori Shimazaki

(Universidade Estadual de Maringá)

Prof^ª Luciana Grandini Cabreira

(Universidade Estadual de Maringá)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me permitir e me auxiliar a chegar até aqui. Foi Ele quem me deu forças e me fez pensar positivo mesmo nas horas ruins, que me fez acreditar que conseguiria conquistar essa vitória e seguir meus objetivos;

À minha família, por todo amor, carinho e apoio, pois estiveram sempre ao meu lado. Ao meu esposo Marcos, por ter vivenciado ao meu lado esses momentos de alegrias, por me amar e ter paciência comigo. À minha mãe Cleusa, por sempre me ajudar, me dar forças e carinho para caminhar de cabeça erguida e acreditar em mim mesma. Ao meu pai Jair, que sempre esteve ao meu lado, aconselhando e apoiando minhas atitudes. Ao meu irmão Júnior, por apoiar e estar sempre pronto para o que fosse preciso. A minha avó Zélia, que com a sua fé em Deus sempre me ajudou. A todos da família, pela compreensão dos meus momentos de ausência, ou de nervosismo pelos afazeres da faculdade;

A todos os professores que fizeram parte da minha graduação, que contribuíram de uma forma ou de outra para minha formação, tanto profissional quanto pessoal;

Aos amigos que participaram juntos desses quatro anos de caminhada, que compartilharam comigo os momentos ruins e bons, que com certeza fizeram e continuarão fazendo parte da minha vida, parte esta inesquecível;

Agradeço às minhas orientadoras, Luciana Maria Caetano e Solange Franci Raimundo Yaegashi, a elas, o meu muito obrigada por todas as orientações, conselhos, correções, pela paciência em me auxiliar sempre que eu me desesperava, pelo exemplo de professoras que são, inteligentes, atenciosas e dedicadas com o que fazem;

Enfim, também agradeço aos participantes desta pesquisa, que aceitaram contribuir para as análises deste projeto;

Agradeço a todos os que deixei de citar, mas que fizeram parte desses momentos inesquecíveis da minha vida. Muito Obrigada!

DEDICATÓRIA

A Deus, por ter me permitido vivenciar essa vitória,
Ao meu esposo, pela paciência e carinho,
À minha família, minha mãe, meu pai e meu irmão, por sempre me
incentivarem e me amarem.

EPÍGRAFE

*A boa educação de um homem é a sua melhor garantia contra a má
educação dos outros.*

Lord Chesterfield

A AUTORIDADE DOS PAIS E PROFESSORES DE CRIANÇAS PEQUENAS: RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA

Camila Fernandes¹
Solange Franci Raimundo Yaegashi²
Luciana Maria Caetano³

Resumo: O objetivo do presente estudo é investigar as diferenças de concepções de pais e professores de crianças pequenas sobre a autoridade com tais crianças. Para a sua realização, fizemos uma pesquisa bibliográfica e de campo, sendo entrevistados 8 professores formados em pedagogia e 8 pais de crianças de 3 à 5 anos, com estas pesquisas verificamos que a grande parte de pais e professores zelam por uma educação e relação de amor, carinho e regras com as crianças; no entanto, os professores, por possuírem maiores conhecimentos da área, sabem lidar melhor com as situações de desobediência, ao contrário dos pais, que em geral sentem-se perdidos e inseguros quanto à educação dos filhos. Chegamos à conclusão de que tanto os professores quanto os pais deveriam ter conhecimento sobre o processo de desenvolvimento da criança a fim de que possam estabelecer uma relação baseada em amor, carinho, regras e combinados.

Palavras-chave: autoridade; família; escola.

Abstract: Parents' and teachers' authority vis-à-vis small children: School and family relationships. Differences in concepts forwarded by parents and teachers of small children on authority over them are investigated. Bibliographical and field research showed that most parents and teachers underscore a type of education and relationship imbued by love, affection and rules. However, due to a deeper knowledge in education, teachers deal better with situations of disobedience, contrastingly to parents who, as a rule, are at a loss and insecure with regard to their children's education. Results show that teachers and parents should deepen their knowledge on children's development processes so that a combined relationship of love, tenderness and rules could be established.

Key words: authority; family; school.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da UEM.

² Psicóloga e Prof^a Dr^a do Departamento de Teoria e Prática da UEM, orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso.

³ Pedagoga e Prof^a Dr^a do Instituto de Psicologia da USP, Co-Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso.

1 Introdução

Nesta pesquisa, procuramos descrever as diversas mudanças ocorridas na instituição escolar e na instituição familiar, com as mudanças estruturais vividas em nossa sociedade. Conforme os principais autores estudados, podemos perceber que as mudanças ocorridas na sociedade ocasionaram alterações nas escolas e nas famílias, e também influenciaram a relação dos professores com seus alunos e a relação dos pais com seus filhos (CAETANO, 2005; LA TAILLE, 1999; SAYÃO, 2003).

Destacamos que a relação entre o adulto e a criança deve ser de respeito, em que o adulto, tendo maior conhecimento de mundo, deve ser a autoridade para a criança. Entretanto, não se pode confundir essa autoridade com o autoritarismo, como antigamente ocorria em algumas famílias; a autoridade deve ser uma mistura de amor, carinho e respeito. Salientamos que após receber os primeiros valores e costumes dos pais, as crianças são encaminhadas para a escola, onde deverão construir sua autonomia baseando-se nos valores passados pela família, porém a literatura especializada aponta que a falta de respeito e de comportamento na escola é proveniente dos ensinamentos vindos de casa. Com isso, ressaltamos a necessidade de que a escola e a família tenham uma parceria com o mesmo objetivo, a educação da criança.

Objetivamos investigar neste estudo as diferentes concepções de pais e professores de crianças pequenas sobre a autoridade com tais crianças, e comparar o conceito de autoridade dos pais e dos professores através de questionários. Desenvolvemos este trabalho através de uma pesquisa bibliográfica e de campo, enfatizando o conceito de autoridade e a relação entre a família e a escola, com vistas a averiguar como a autoridade dos pais e professores é vista hoje por eles mesmos, ou seja, como a família e a escola vivenciam e compreendem o problema da autoridade diante das crianças pequenas.

Nosso interesse por esse tema surgiu através da leitura do livro “É possível educar sem palmadas?”, de Luciana Maria Caetano. No curso de Pedagogia, tivemos poucas possibilidades de nos aprofundarmos acerca desse tema específico, e por vivenciarmos algumas situações no ambiente de trabalho, o assunto abordado no livro nos chamou a atenção.

Pontuamos ser fundamental que a família estabeleça regras e conceitos para a educação da criança. Os pais são os responsáveis por seus filhos e, portanto, é natural que

exercçam a autoridade sobre eles, assim como a presença do professor também é essencial para a formação cidadã do aluno, devendo saber lidar com sua autoridade de educador.

Nesse sentido, o problema que pretendemos investigar pode ser colocado da seguinte forma: 'Estamos vivendo de fato uma crise de perda de autoridade por parte dos pais? Como está a relação família-escola?'

Subdividimos este trabalho em cinco partes: na primeira, enfocamos o conceito de autoridade. Na segunda, abordamos o papel da autoridade dos pais e dos professores e a relação escola e família. Na terceira parte, discutimos as concepções de pais e professores de crianças pequenas sobre a autoridade dos pais com tais crianças. Por fim, descrevemos a metodologia, bem como os resultados e as discussões.

2 Conceito de Autoridade

Para La Taille (1999), a autoridade se fundamenta pelo fato de transmitir valores e conceitos e é considerada quando obedecemos e acreditamos nos enunciados ou ordens de alguém. Conforme o autor, as relações de autoridade são pautadas em regras que devem ser justas e também explicadas. Nessa relação, seja na escola ou na família, os pais e professores devem ser considerados autoridades, pois detêm conhecimentos necessários para o desenvolvimento das crianças.

Em seu livro "Limites: três dimensões educacionais", La Taille (1999) argumenta que é importante que desde cedo os pais expliquem as regras e os valores a seus filhos; por mais que estes ainda não os compreendam, vão conhecendo e se adequando aos conceitos. O autor evidencia que os filhos precisam de liberdade para a construção da autonomia e responsabilidade, e os pais precisam saber lidar com isso diante de seus filhos, dando-lhes a liberdade e a responsabilidade balanceada, estando sempre presentes nas situações. La Taille (1999, p. 76) assinala que:

Não se trata de negar a liberdade, mas de ensinar paulatinamente a usufruí-la. Dizer ao filho: "Eu lhe dou a liberdade de tentar, de experimentar, mas estou aqui para conversar sobre sua decisão, para ajudá-lo, para conversar sobre o que acontecer, para pensar junto com você, para ajudá-lo se não der certo ou se você mudar de idéia" é a prova da genuína generosidade que todo pai deveria ter.

Antigamente, a idéia de autoridade era confundida com o autoritarismo dos pais, que somente com um olhar já paralisavam os filhos. Em consonância com Lima (2009), na

presença ou na ausência o pai era mais temido do que respeitado, ou seja, os pais eram autoritários, constituíam uma relação fria e de medo com os filhos. Nos dias de hoje, Caetano (2011) afirma que os pais, muitas vezes pela relação que tiveram com seus pais, acabam por deixar de lado a postura rígida e a autoridade, tornando-se cada vez mais amigos e mais próximos de seus filhos por receio dos tempos atuais, pois tudo pode, nada é proibido, e a violência cresce a cada dia, as companhias tendem a ser desconhecidas e a desconfiança toma conta da sociedade.

Outro aspecto dos tempos modernos é que muitos pais precisam trabalhar o dia inteiro e deixam de estar com os filhos, restando apenas o momento de dormir, ou nem chegam em casa a tempo de verem os filhos acordados, deixando de conviver com eles. Os pais se sentem culpados e tentam suprir essa falta com o dinheiro, comprando-lhes presentes e dando-lhes tudo o que querem, enfraquecendo o sentido de impor limites e o ensinamento sobre os gastos. Dessa forma, como assinala Caetano (2011, p. 22):

[...] os pais e as mães trabalham enlouquecidamente, inclusive, muitas vezes, para oferecer aos filhos exatamente “tudo o que nunca tiveram”. A velocidade caracteriza nossa sociedade [...] Os pais têm consciência de que, no meio de toda essa correria, não ficam com os filhos. Então, sentem-se culpados de, nos poucos minutos que têm com eles, impor-lhes limites... Sentem-se culpados por mais uma viagem de trabalho e os compensam com presentes caros.

Na perspectiva de Caetano (2011), alguns pais ainda não conseguem educar seus filhos, passarem-lhes valores, e por falta de paciência e conhecimento acabam confundindo educação com agressões e humilhações, ou seja, praticam uma educação autoritária; outros pais abrem mão da autoridade por querer ser amigo de seus filhos, considerando a relação entre iguais. Esses adultos têm muitas dúvidas e não sabem qual atitude devem seguir para melhor educar seus filhos, pois eles próprios não conseguem definir seus valores, partindo assim para a negligência. Os pais necessitam saber e ter segurança nessa relação, porque as crianças os imitam; devem ser exemplos para os pequenos, devem conversar, expor suas regras e limites, fazer com que a criança entenda e saiba ouvir o que ela tem a dizer e passar-lhes o seu autocontrole.

Caetano (2011) sublinha que o sentimento de obrigação que a criança desenvolve em relação aos pais mais velhos é o sentimento que a leva a obedecer, sendo a soma de dois sentimentos, o amor e o medo, que significam respeito. Segundo as pesquisas desta autora, para muitas famílias isto não mais funciona, pois muitos pais têm medo de perder o amor dos

filhos e não conseguem lhes negar nada, nem vê-los chorando, deixando assim que a criança consiga tudo o que quer.

Com isso, como já expomos, os pais precisam se sentir mais seguros e firmes na educação de seus filhos, para que a má educação a eles proporcionada não se reflita na sociedade. Caetano (2011), em seu livro “É possível educar sem palmadas?”, cita um exemplo sobre esse aspecto, de que a criança sem a presença do adulto, da autoridade, a criança que não tem lar, que vive nas ruas, exposta, e para sobreviver precisa cometer pequenas delinquências, não tendo assim nenhuma chance de desenvolvimento ou crescimento. O autor cita ainda as crianças que têm pais, mães e lar e que também podem viver sem a autoridade e a presença de um adulto, pois mesmo estando mais protegidas, os pais, pela correria do dia-a-dia, acabam por não lhes dar atenção e por não lhes proporcionar um bom processo de educação e formação.

As crianças necessitam do adulto para poder sobreviver e para seu processo de educação e formação de cidadão. Sendo assim, é preciso que os pais estabeleçam o que querem ensinar aos seus filhos, o que pretendem orientá-los em relação ao certo e ao errado, e que tipo de pessoa esperam que eles se tornem, para que construam regras e valores. Desse modo, para que esse processo de educação e formação obtenha sucesso, os pais, que são os responsáveis por isso, necessitam de autoridade.

Para que essa situação comece a mudar, os pais precisam servir de exemplos aos seus filhos, porque eles aprendem mais observando as atitudes do que ouvindo as palavras. A educação é formada a cada dia, no cotidiano. Segundo Caetano (2011), outro fator que precisa ser considerado é de que os responsáveis necessitam ser seguros e firmes, já que é possível educar com autoridade sem desrespeitar os filhos e ainda mantê-los próximos, ter uma relação de amigos, sabendo que há uma diferença de “autoridade e poder” entre eles.

Na sequência, tratamos da moral em Piaget por considerarmos que a leitura deste autor é relevante para a educação a ser ministrada às crianças, especificamente pelos professores na escola.

2.1 A moral em Piaget

A moral para Piaget se define de acordo com a construção e o desenvolvimento da criança, envolvendo suas experiências e família. Desse modo, a construção da moral se dá a partir da transmissão de conceitos, crenças e deveres internos dos adultos para as crianças,

considerando que os limites são estabelecidos na relação entre pais e filhos, em que a conduta a ser seguida é a censura.

De acordo com a formação da criança e de sua moral, Piaget (apud CAETANO, 2005) relata dois tipos de moral, a moral heterônoma e a moral autônoma.

A moral heterônoma (2 à 7 anos) é a fase em que, para a criança, a justiça é a punição, pois deve-se obedecer a regra “sagrada”, de acordo com o livro “O conceito de obediência” de Caetano (2005). Entende-se assim que cumprindo o castigo, poderá voltar a fazer a “arte” que quiser, e por vezes, cumpre apenas quando os adultos estão presentes. Nesse sentido, as regras e disciplinas chegam às crianças prontas e impostas, sem que elas precisem descobri-las e entendê-las.

A segunda moral, chamada de autônoma (após 8 anos), é a fase da criança com pensamento lógico e reversível, que a partir da vivência de cooperação desenvolve o sentimento de igualdade, o experimento de acordos mútuos e as distribuições iguais de papel. A regra pode ser construída junto com a criança, podendo ser alterada conforme suas experiências.

Na acepção de Piaget (apud CAETANO, 2005), existem dois tipos de respeito: o respeito unilateral, que é o respeito da moral da obediência, moral heterônoma, e o respeito mútuo, típico da moral autônoma. Caetano (2005) destaca que “a idéia da igualdade se constrói exatamente a partir da vivência da cooperação, por meio da qual as crianças podem experimentar os acordos mútuos, as distribuições iguais de papéis, funções, materiais, partes de jogos e etc.” As regras na fase da autonomia são acordos, combinados por igual. Os adultos precisam explicar o entendimento e a compreensão da regra. Também é essencial a participação do adulto na construção dessa autonomia. A obediência, ao contrário da moral heterônoma, é construída pelo respeito na relação, da cooperação, de se colocar no lugar do outro, ou seja, da moral autônoma.

Conforme Caetano (2005), a escola é um ótimo lugar para essa construção, logo a escola precisa ser um lugar em que os adultos convivam de forma cooperativa com as crianças, tratando-as com respeito mútuo.

As crianças, ao se desenvolverem e ultrapassarem a moral heterônoma, a qual depende da vontade dos pais, necessitam chegar à autonomia para a construção da moralidade, mas para isto é preciso das interferências dos pais nas atitudes e nos conceitos de obediência, para que influenciem e vivenciem com as crianças a reciprocidade, porque elas precisam vivenciar e construir um ser autônomo.

Com a contribuição de autores como Caetano (2005), La Taille (1999) e Sayão (2003) que investigamos como a autoridade dos pais e professores é vista hoje por eles mesmos, ou seja, como a família e a escola vivenciam e compreendem o problema da autoridade diante das crianças pequenas.

2.2 O papel da autoridade dos pais e dos professores: relação escola e família

Sayão (2003) revela que pais e professores se queixam de crianças “mandonas”, sem limites e que não obedecem às regras, levando os pais a não saber como resolver a situação, como, por exemplo, quando o filho faz birras e domina a circunstância. A criança sabe o que quer e o quer naquela hora, de forma autoritária, mas ainda não sabe que às vezes não é possível naquele momento, por isso reage e faz birras; nessas ocasiões, os pais devem manter sua autoridade resolvendo a situação com tranquilidade, mas com firmeza, para que a criança não repita o ato. Conforme Sayão (2003, p. 120), “é principalmente a postura dos pais que permite, ou não, que o filho atenda as suas decisões. Afinal, os pais sabem a respeito da vida muito mais que os filhos. E é essa autoridade que eles devem ter quando educam”. A função dos pais, então, é regular a vida dos filhos enquanto eles não têm os mecanismos de autorregulação.

Os pais têm o dever de procurar e escolher a escola para seus filhos, e após essa escolha, devem confiar a ela educação de seus filhos e não interferir no modo de educação. Desse modo, os pais não devem interferir na educação da escola, assim como a escola também não deve interferir na educação familiar.

Para uma boa educação e parceria, como descreve Sayão (2003), é preciso que família e escola desempenhem adequadamente seu papel; a função da escola é proporcionar a interpretação do mundo, formar para a cidadania e o coletivo e também libertar a criança dos pais, ou seja, produzir a autonomia. Reali e Tancredi (2005) acrescentam que a escola tem a função de favorecer a aprendizagem dos conhecimentos construídos pela humanidade e valorizados pela sociedade em dado momento histórico, bem como de ampliar as possibilidades de convivência social e legitimar uma ordem social. Já a função da família, de acordo com Sayão (2003), reside na construção do ser humano como indivíduo caracterizado pela moral e costumes, qualidades e defeitos, ou seja, ajudá-lo para a convivência. A esse respeito, Reali e Tancredi (2005, p.40) alegam que

[...] a família nos últimos tempos tem tido a tarefa de promover a socialização das crianças, estabelecendo condições para seu “bom” desenvolvimento, o que inclui a aprendizagem de padrões comportamentais, atitudes e valores aceitos pela sociedade em geral e pela comunidade a que pertencem.

É através da entrada na escola que essas questões são favorecidas, pois a criança começa a experimentar a autonomia longe dos pais. Nesse sentido, a escola não deve a qualquer ocorrência chamar os pais para conversar, pois assim trabalhará contra a autonomia do aluno, de tentar resolver seus problemas, o que também não deixa de ser função da escola, estabelecendo regras, responsabilidades e respeito mútuo. Sayão (2003, p. 191) pontua que “quando a criança entra na escola, ela começa a aprender a enfrentar a vida por conta própria. E, se os pais são chamados a intervir nesse processo, só um sai perdendo: a criança ou o adolescente”.

Conforme Reali e Tancredi (2005), essa relação escola e família é mais compreensível para o professor, uma vez que agindo assim se obtêm mais informações dos alunos, de sua vida, de sua família, e de como é sua rotina, contribuindo para um percurso escolar mais significativo para a criança e para o professor. Porém, as escolas ainda não tomaram um caráter de favorecer essa relação, pois a participação da família na escola é secundária, sem que ela possa realmente participar dos projetos e planos políticos pedagógicos da instituição pela falta de entendimento.

Para Cavalcante (1998, p. 1), a participação da família na escola é muito importante para o processo de aprendizagem do aluno e para a melhoria da escola. Para a autora, “o conceito de colaboração entre pais e escola tem o potencial não somente de melhorar o ambiente escolar, como também de transformar a experiência educacional dos alunos numa vivência mais significativa”.

Desse modo, a colaboração ocorre com a interação entre indivíduos com um objetivo em comum. Cavalcante (1998) ainda afirma que a colaboração é muito significativa entre professores, outros profissionais da escola, pais e comunidade, pois através dela os pais e a escola se beneficiam; os pais, porque tornam-se mais ativos com relação à escola, demonstrando a seus filhos a importância do bom desempenho, ocasionando, desse modo, um clima harmonioso dentro da instituição. Cavalcante (1998), porém, assim como Reali e Tancredi (2005), ressalta que pouco é feito para que essa parceria e colaboração entre pais e escola seja efetivada.

Uma das principais razões porque escolas e pais tão raramente colaboram uns com os outros é a falsa crença entre muitos educadores de que a escola é impotente para afetar de maneira positiva as famílias dos alunos (CAVALCANTE, 1998, p.2).

Em famílias mais “carentes”, como enfatiza a autora, geralmente as crianças são incapazes ou até destinadas ao fracasso escolar na visão dos educadores. Nesse contexto, parece que a escola e a família possuem relações distintas; entretanto, escola e família devem se relacionar através da criança, porque as experiências em casa e na escola são conectadas no desenvolvimento da criança.

A escola, como instituição que historicamente tem sido usada para preservar as diferenças sociais, deve ser a responsável por destruir as barreiras que ela mesma construiu e que servem para impedir a participação mais efetiva dos pais (CAVALCANTE, 1998, p.3).

Essa assertiva da autora refere-se a um relacionamento entre pais e educadores para trabalharem juntos com o mesmo objetivo, o de propiciar o desenvolvimento dos alunos.

Ainda citando Cavalcante (1998), é preciso que se pense em estratégias para o desenvolvimento de parcerias entre pais e escola, e que a escola, ao planejar suas atividades, deve considerar a participação dos pais, permitir que estes exponham suas opiniões e percepções, atentar-se ao sistema de comunicação entre escola e pais, enviar informações e também pedir sugestões aos pais. Essas relações informais baseadas no respeito mútuo entre professores e pais são muito relevantes para as interações colaborativas.

3 Metodologia

Neste estudo, orientamo-nos pelos parâmetros da pesquisa qualitativa, uma vez que realizamos uma pesquisa bibliográfica, geramos/coletamos dados por meio de um instrumento e analisamos o significado dos dados coletados (GIL, 1999).

3.1 Participantes

Os participantes desta pesquisa foram 8 professores de educação infantil, todos com formação em pedagogia, e 8 mães de crianças pequenas com idades entre 3 à 5 anos. A amostragem foi por conveniência, contando com sujeitos cooperadores e dispostos à participação no estudo.

3.2 Situação Experimental

A. Local

Realizamos esta pesquisa de modo informal; a pesquisadora convidou mães e professoras de crianças pequenas a disponibilizarem vinte minutos de seu tempo para responderem a uma entrevista. Sendo assim, não houve definição prévia do local de realização da pesquisa.

B. Instrumentos de pesquisa

Na pesquisa, utilizamos os seguintes instrumentos:

- 1) Roteiro de entrevista para professores e pais (Anexo 1);
- 2) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais ou responsáveis (Anexo 2);
- 3) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para professores (Anexo 3).

3.3 Procedimentos

A. Para a coleta de dados

Esta pesquisa vincula-se ao projeto de pesquisa intitulado: “Estado da arte da relação escola e família: as concepções de pais, responsáveis e professores”, cuja coordenadora é a orientadora deste trabalho. Sendo assim, a pesquisa foi avaliada e autorizada previamente pelo Comitê de Ética de Pesquisa Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá.

Os participantes da pesquisa assinaram os respectivos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido. A pesquisadora salvaguardou a todos os participantes o voluntariado na participação, bem como o direito ao sigilo e à interrupção ou desistência do preenchimento dos questionários.

Realizamos a entrevista com os pais utilizando o questionário como instrumento de pesquisa.

B. A Análise de Dados

Os dados foram analisados qualitativamente, sendo relacionadas as respostas dos entrevistados com a pesquisa bibliográfica.

4 Resultados e Discussão

A partir das respostas dos participantes, tivemos a oportunidade de relacionar as concepções coletadas com os exemplos apresentados pelos pais e professores.

Para a análise dos resultados, utilizamos três categorias de análise: 1) as concepções dos professores; 2) as concepções dos pais; 3) as comparações entre as concepções dos professores e pais.

A seguir, apresentamos as respostas dadas pelos professores, que serão chamados de: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8, respectivamente.

4.1 As concepções dos professores

Na Tabela 1, apresentamos a primeira questão do questionário repassado aos professores participantes deste estudo e as respostas fornecidas pelos 8 entrevistados.

Tabela 1: Questão 1 do questionário aplicado aos professores

Questão 1: Você acha que um bom professor deve ter autoridade com seu aluno? Por quê?
Respostas:
1. Sim. Autoridade com amor, atenção, rotinas e combinados.
2. Não. Professor não deve ser o dono da verdade, deve ter uma relação dialógica.
3. Sim. Deve ser um relacionamento de confiança, mas estabelecer regras.
4. Sim. O professor deve impor sua autoridade com amor e carinho.
5. Sim. O professor não pode confundir autoridade com autoritarismo, pois deve ser uma relação de amizade e troca.
6. Sim. Através da afetividade e da boa relação o professor cria sua autoridade.
7. Sim. A autoridade é como um ponto de referência para criança, formando-os cidadãos com respeito e afetividade.
8. Sim. O professor deve ter autoridade e ganhar a confiança do aluno.

No que se refere à questão 1, dentre as respostas assinaladas pelos professores verificamos que estes assinalam a necessidade de se ter autoridade e regras estabelecidas no ambiente escolar, no entanto, alegam que não se deve confundir autoridade com autoritarismo, pois essa autoridade deve estar relacionada com afeto, amor e carinho que a criança também necessita. Apenas a resposta 2 é diferenciada, afirmando que não se deve ter autoridade, porque o professor não é dono da verdade. A nosso ver, essa resposta mostra a má compreensão que se tem da palavra autoridade. Conforme La Taille (1999), a autoridade é baseada na transmissão de valores e conceitos, fundamentada em regras justas e que sejam explicadas.

A Tabela 2, a seguir, apresenta a questão 2 dirigida aos professores e as respectivas respostas.

Tabela 2: Questão 2 do questionário aplicado aos professores

Questão 2: O que é ter autoridade?
Respostas:
1: Autoridade é como exemplo, ação, fazer-se presente, reflexão e correção.
2: Autoridade é o poder de comandar os outros. Relação de superior e subordinado.
3: Direito ou poder de fazer-se obedecer, dar ordens e tomar decisões.
4: Autoridade é impor limites com amor e carinho.
5: O dialogo pode ser uma forma de mostrar a autoridade e discutir valores e ética.
6: É o poder que uma pessoa tem sobre a outra.
7: É o poder que uma pessoa tem sobre a outra, através de muito dialogo.
8: É conseguir dominar situações, ter controle e responsabilidade.

No tocante à questão 2, a grande maioria dos professores respondeu que a autoridade se caracteriza pela presença de regras, combinados com reflexão, amor, carinho, limites e diálogo. Assim, como destaca Sayão (2003), para as regras serem cumpridas é preciso de firmeza, carinho e ação. Assim como na Tabela 1, a resposta 2 ressalta que a autoridade é o poder do comandar alguém, novamente com uma compreensão inadequada, a nosso ver, de autoridade. Por meio da teoria piagetiana que demonstra dois tipos de moral, podemos exemplificar as duas posições existentes no questionário. A primeira, a moral heterônoma, em que o adulto impõe as regras e as crianças devem segui-las, ou seja, uma ordem de fora para dentro, em que o importante é segui-las. E a segunda moral, a autônoma, em que o adulto, ou seja, a autoridade, constrói a regra, mas dialoga e a explica, fazendo com que a criança a compreenda.

A Tabela 3, na sequência, contém a questão 3 direcionada aos professores entrevistados e suas respectivas respostas.

Tabela 3: Questão 3 do questionário aplicado aos professores

Questão 3: Seu aluno lhe obedece ou não lhe obedece? Por quê?
Respostas:
1: Os alunos não desafiam, obedecendo ou não, pois estão em constante desenvolvimento, faz parte do crescimento.
2: Não digo que não obedecem porque não mando neles, mas nos respeitamos.
3: Na maioria das vezes sim, as crianças sabem que devem obedecer as regras e os professores.
4: Sim, mas é claro que devemos respeitar a individualidade de cada um.
5: Sim, fazemos trocas e diálogos, para que entendem que nem sempre acontecem como querem.

6: Sim, pois estabelecemos uma relação de diálogo e combinados.
7: Sim, por que passo a eles muito carinho e respeito, ensinando-os o que é certo e o que é errado.
8: Procuo utilizar meios que possam atrair a atenção dos meus alunos.

No que tange à questão 3, podemos analisar que os professores desenvolveram muito bem suas respostas, afirmando que os alunos obedecem por estabelecerem uma relação de diálogos, regras e combinados. Caetano (2005) enuncia que o adulto deve conversar com as crianças, expor as regras e os limites, explicar, fazer com que a criança os compreenda e também ouvir o que a criança tem a dizer. O adulto precisa ter autocontrole e segurança para passar autoridade, amor e respeito para as crianças.

A seguir, na Tabela 4, apresentamos a questão 4 feita aos professores entrevistados e suas respectivas respostas.

Tabela 4: Questão 4 do questionário aplicado aos professores

Questão 4: O que deve fazer um bom professor quando o seu aluno não obedece?
Respostas:
1: Deve orientar, conversar, sem constrangimentos, buscando o melhor.
2: Deve conversar se não existe outras maneiras de resolver, dizer que confia nele e que tem certeza que irá melhorar.
3: Dialogar, explicar sobre tudo o que faremos, mas tem que ser firme.
4: Deve tornar seu aluno autossuficiente, dando responsabilidades e elogiando sempre, para que ele se sinta parte do meio.
5: Dialogando e fazendo o aluno entender que tem normas e seu comportamento pode lhe trazer consequências.
6: Deve estabelecer uma relação dialógica com os alunos.
7: Muito diálogo, tornando suas aulas prazerosas e significativas.
8: Manter a calma e agir naturalmente, sempre observando o aluno para descobrir como agir e solucionar a situação.

Na questão 4, os professores responderam de forma geral que para ser um bom professor é preciso muito diálogo para explicar as regras, carinho e firmeza, o que está em consonância com o pensamento de Sayão (2003), a qual argumenta que, para ser um bom educador, é preciso conhecer as fases do desenvolvimento da criança, saber que as crianças irão testar os adultos diante das regras, por isso é preciso ter firmeza, mas também carinho para ensiná-las a conter-se quando necessário, criando regras, combinados e diálogos.

4.2 As concepções dos pais

Nesta seção, apresentamos as questões direcionadas aos pais das crianças para conhecer seu pensamento acerca da temática abordada neste trabalho.

Na Tabela 5, abaixo, discorreremos acerca da questão 1 feita aos pais e as respectivas respostas por nós obtidas.

Tabela 5: Questão 1 do questionário aplicado aos pais

Questão 1: Você acha que um bom pai deve ter autoridade com seu filho? Por quê?
Respostas:
1: Sim. O filho deve compreender quem tem que respeitar. Construindo valores e atitudes.
2: Sim. Através desta autoridade a criança irá crescer cumprindo as regras que são impostas na sociedade.
3: Sim. Autoridade vem com confiança, respeito e limites. Precisam saber quando e onde podem agir e se comportar.
4: Sim. A obediência aos pais leva a uma boa educação e conduta de vida digna.
5: Sim. É fundamental para uma boa criação, pois a criança precisa de uma boa referência.
6: Sim. A criança precisa de uma referência, pois toda educação começa em casa.
7: Sim. Para lhes dar noção de limites, para saber quem manda e quem obedece.
8: Sim. Para impor respeito e limites.

Em relação à questão 1 direcionada aos pais, percebemos que estes acreditam que devem ter autoridade para passar limites, valores e regras aos filhos, considerando também que seus filhos devem receber uma boa educação para conviver em sociedade. Assim, conforme Sayão (2003), a função da família é auxiliar na construção do ser humano como indivíduo, ensinando-lhes valores morais e costumes, ou seja, auxiliando-os para a convivência em sociedade.

A Tabela 6 contém a questão 2 feita aos pais e as respostas fornecidas por estes.

Tabela 6: Questão 2 do questionário aplicado aos pais

Questão 2: O que é ter autoridade?
Respostas:
1: É ser capaz de dialogar, ensinar, permitir a vivenciar e fazer apontamentos e modificações.
2: É ter pleno domínio sobre o que a criança deve ou não fazer.
3: É deixar claro para a criança que você é o pai/mãe e que ela obedece.
4: Não é agir com violência, mas sim com palavras firmes, demonstrando o caminho que deve ser seguido.
5: Ter domínio no seu filho, autonomia e ordem.
6: É despertar o respeito dos filhos com relação aos pais.
7: É se impor sobre a criança, demonstrando que o que é falado está sempre correto e que deverá ser seguido.
8: É ter limite e dar limite ao filho.

Nas respostas à questão 6, observamos que a maioria dos pais acredita que a autoridade é o ato de ensinar, conversar, respeitar, dar limites e ser firme. As respostas 3 e 7 sinalizaram que a criança deve obedecer o pai e a mãe sem nenhum questionamento ou opinião, assegurando que o que é imposto deve ser seguido. A maioria dos pais respondeu seguindo os princípios defendidos pela teoria piagetiana, ou seja, o adulto impõe sua regra e limite, porém explica e faz com que a criança a compreenda, como combinados e acordos estabelecidos pelos pais, mas com a participação das crianças. É essencial essa construção de autonomia na relação de autoridade.

A Tabela 7, a seguir, apresenta a questão 3 feita aos pais e as respostas destes obtidas.

Tabela 7: Questão 3 do questionário aplicado aos pais

Questão 3: Seu filho lhe obedece ou não? Por quê?
Respostas:
1: Obedecem na maioria, pois já compreenderam que precisam respeitar os outros, quando não, conversamos novamente.
2: Na maioria das vezes me obedece, pois sou mãe dele, caso contrário, fica de castigo.
3: Obedece, mas quando não, fecho a cara e se não adianta, chamo a atenção.
4: Sim, porque é uma autoridade sem tiranismo.
5: Obedece, pois não pode deixar o filho fazer tudo o que quer.
6: Na maioria das vezes sim, mas quando não, converso e até digo que ficará sem algo que goste.
7: Na maioria das vezes, quando não obedece, usamos a palavra não.
8: Obedece mas as vezes tem seus dias de desobediência, pois é a fase desta nova geração.

Nas respostas dadas pelos pais à questão 7, podemos evidenciar que os pais entrevistados indicam que seus filhos os obedecem na maioria das vezes. Contudo, merece destaque a resposta 2, que revela que a criança deve obedecer apenas a mãe. Todavia, julgamos que as crianças devem respeitar os adultos em geral, pois como já destacamos, estes têm maiores conhecimentos que elas. Observamos que muitos pais responderam que se os filhos não os obedecem, ficam sem algo que gostem ou de “castigo”, mas de acordo com Caetano (2005), o castigo pode levar a criança a acreditar que pagando aquela punição poderá voltar a fazer outra travessura, ou também acabam por cumprir as regras apenas quando os pais estão presentes. Para melhor posição dos pais, Sayão (2003) argumenta que estes precisam saber que a criança desobedece porque ela busca o seu prazer, satisfazer a sua vontade, e os pais, além de falar com as crianças, devem explicar e ensiná-las a se conter, podendo fazer negociações. Como destaca Sayão (2003, p.133), “negociar, na educação dos filhos, não é promover uma transação comercial. É, principalmente, estabelecer combinados, tratos, pactos de confiança. De pais para filhos. Isso exige autoridade moral”.

Tabela 8: Questão 4 do questionário aplicado aos pais

Questão 4: O que deve fazer um bom pai quando seu filho não obedece?
Respostas:
1: Conversar, rever suas ações, pois sabemos que as crianças passam por fases.
2: É preciso muito diálogo para que ele entenda que obedecer os pais é essencial.
3: Tem que chamar a atenção, conversar olhando nos olhos, tirar os brinquedos, mas se nada resolver, cabe umas “palmadinhas”.
4: Deve dialogar, mas se não solucionar, deve exercer sua autoridade de pai, como, punir com atitudes de negação.
5: A função dos pais é educar, quando desobedecer, deve parar e pensar, analisar o que está acontecendo.
6: Conversar muito, tirar alguma coisa que a criança goste.
7: Deve partir sempre do diálogo, no máximo erguemos a voz.
8: Acho que tudo é uma fase, assim tem a fase que as crianças não obedecem, quando estão nessa fase temos que dialogar.

Nas respostas originadas pela questão 8, analisamos que a grande maioria dos entrevistados caracteriza como um bom pai aquele que busca dialogar sempre com seu filho nas situações de desobediência, no entanto, vemos também a possibilidade de umas “palmadinhas” ou punição, como descrevem os pais 3 e 4. Sobre essa atitude, Caetano (2005) pontua que os pais precisam passar valores aos seus filhos, educá-los de modo a saber que as crianças os tenham como exemplo, imitando-os muitas vezes. Com isso, “o adulto, como a pessoa madura da relação não deve valer-se de gritos, agressões, humilhações e punições, pois a criança aprenderá a gritar e a agredir para resolver seus problemas” (VINHA, 1999 apud CAETANO, 2005 p. 127).

Na próxima seção, faremos comparações entre as respostas dadas pelos professores e pelos pais nas questões que a estes fizemos.

4.3 Comparações entre as concepções dos professores e pais

Após analisarmos as respostas dos entrevistados, compreendemos que na família ou na escola os pais e professores são autoridades diante das crianças por terem maiores conhecimentos e vivências, impondo regras e limites com explicações e diálogos. Entendemos também que essa questão de autoridade é de grande importância tanto para os pais, que precisam educar seus filhos fundamentados em moral e costumes, em uma constante construção do ser humano, quanto para os professores, que também precisam educar seus alunos para a compreensão e interpretação do mundo e do coletivo, proporcionando-lhes autonomia.

Nas respostas dos pais e dos professores, evidenciamos que estes acreditam que é necessário diálogo, carinho, atenção, respeito e firmeza, no entanto, quando é preciso tomar uma posição sobre o comportamento inadequado da criança, observamos que os pais têm maiores dificuldades em saber como lidar com essa situação.

Desse modo, para que a educação das crianças seja concretizada, acreditamos que professores e pais deveriam entender e conhecer mais sobre o desenvolvimento da criança e como devem se impor no decorrer das situações do cotidiano. Por meio desta pesquisa, foi possível percebermos que os professores conhecem melhor sobre esse aspecto. Podemos afirmar também que é fundamental a relação entre esses dois grandes participantes da vida da criança e da construção de sua identidade, os pais e os professores, como bem argumenta Reali e Tancredi (2005, p.241):

Considera-se que com o estreitamento dessas relações os professores podem ter maiores informações a respeito de quem são os alunos, suas famílias, sua cultura, sua vida cotidiana e isso pode ajudá-los a desenvolver o seu trabalho de forma mais competente. Por parte dos pais, relações mais estreitas com a escola podem favorecer a escolarização dos filhos por dar indicações à escola a respeito de suas expectativas e por contribuir para que este processo ocorra sem transtornos.

Portanto, para que isso ocorra, é preciso que a escola e a família estejam dispostas a estabelecer um diálogo e uma parceria efetiva entre si, de modo a favorecer a educação das crianças.

5 Considerações Finais

O principal objetivo deste estudo foi investigar as concepções de pais e professores de crianças pequenas sobre a autoridade com tais crianças. Com base nesta pesquisa, evidenciamos a relevância do estudo dessa temática da autoridade na relação do professor com o aluno e do pai com o filho.

A pesquisa bibliográfica nos possibilitou conhecer o que pensam os estudiosos desse tema e também entender como a autoridade é importante para o processo de construção da identidade das crianças. Destacamos que a autoridade é um processo que se constitui em diálogos, carinhos, amor, firmeza, limites e regras.

Observamos, mediante esta pesquisa, que é preciso conhecer ao menos um pouco sobre o processo de desenvolvimento da criança para que seja possível uma relação saudável entre adulto e criança. Por isso, julgamos que a abordagem efetuada neste estudo pode

contribuir para profissionais de qualquer área e também para os pais, visto que tratamos da educação das crianças.

A pesquisa de campo nos proporcionou maior conhecimento sobre as diferentes concepções que pais e professores têm de sua autoridade com seus filhos e alunos e como veem essa relação. Através dos questionários, pudemos analisar as diversas respostas dadas pelos entrevistados e as várias opiniões que cada um tem sobre o tema autoridade. Com isso, chegamos à conclusão de que os pais e os professores dão ênfase a uma relação com amor, carinho, atenção, respeito e regras; porém, ao destacar uma situação de mau comportamento da criança, observamos que os professores, por conhecer melhor o processo de desenvolvimento da criança, conseguem lidar de forma mais efetiva com essa situação; já alguns pais, ao vivenciarem isso, não sabem como devem agir ou o que fazer para resolver.

A realização deste estudo foi muito importante para a nossa formação profissional, pois através dele nos aprofundamos nessa temática, que é pouco abrangida no curso de graduação em Pedagogia. Também pudemos conhecer melhor sobre as diferentes posições de pais e professores diante da educação das crianças, refletindo, assim, sobre nosso papel como profissional da educação.

REFERÊNCIAS

- CAETANO, L. M. **É possível educar sem palmadas?** São Paulo: Editoras Paulinas, 2011.
- CAETANO, L. M. **O conceito de obediência na relação pais e filhos.** São Paulo: Editoras Paulinas, 2005.
- CAVALCANTE, R. S. C. Colaboração entre pais e escola: educação abrangente. **Psicol Esc Educ.**, v. 2, n. 2, p. 153-160, 1998.
- GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2002.
- LA TAILLE, Y. de. Autoridade na escola. In: AQUINO, J. G. (Org). **Autoridade e autonomia na escola:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1999. p. 9-29.
- LIMA, R. **O declínio da autoridade:** efeitos na família e na escola. Rev Espaço Acadêmico, v. 9, n. 102, p. 111-119, nov. 2009. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/051005/pesquisas.doc>>. Acesso em: 15 mar. 2013.
- REALI, A. M. M. R.; TANCREDI, R. M. S. P. A importância do que se aprende na escola: a parceria escola-famílias em perspectiva. **Paidéia**, v. 15, n. 31, p. 239-247, 2005.
- SAYÃO, R. **Como educar meu filho?** – princípios e desafios da educação de crianças e adolescentes hoje. São Paulo: Publifolha, 2003.

ANEXO 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES E PAIS**Perguntas:**

- 1) Você acha que um bom pai/professor deve ter autoridade com seu filho/aluno? Por quê?

- 2) Para você, o que é ter autoridade?

- 3) Seu filho/aluno lhe obedece ou não? Por quê?

- 4) O que deve fazer um bom pai/professor quando o seu filho/aluno não obedece?

ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS

PESQUISA: A autoridade dos pais de crianças pequenas: relação escola e família

PESQUISADORAS: Prof^a Dr^a Luciana Maria Caetano, do Departamento de Teoria e Prática da Educação da UEM; Prof^a Dr^a Solange Franci Raimundo Yaegashi, do Departamento de Teoria e Prática da Educação da UEM e acadêmica Camila Fernandes.

Você está sendo **convidado a participar da pesquisa** “A autoridade dos pais de crianças pequenas: relação escola e família”, **sob a coordenação da Prof^a Dr^a Luciana Maria Caetano e a participação da acadêmica Camila Fernandes**, ambas do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá.

A **pesquisa tem como objetivo** investigar as diferenças de concepções de pais e professores de crianças pequenas (3 a 5 anos) sobre a autoridade dos pais com tais crianças.

A **coleta/geração dos dados** será feita através de questionários. O nome da mãe/pai e ou responsável não serão expostos na pesquisa. Os questionários serão guardados com todo o sigilo e ética que devem conter uma pesquisa.

As informações fornecidas têm como propósito a coleta/geração de dados e não trarão benefícios diretos a você nesse momento. Entretanto, sua participação pode contribuir para melhor compreensão da autoridade dos pais com crianças pequenas na concepção de pais e professores.

De acordo com a **Resolução 196/96** do CNS e baseando-se nos princípios basilares da Bioética (autonomia, beneficência, não-maleficência e justiça), você tem o direito de não participar do estudo. Não é um estudo utilizando remédios e nenhum exame complementar será necessário. Sua participação é voluntária e você pode desistir de participar em qualquer momento da pesquisa, sem que isso o prejudique no seu local de trabalho. Sua identidade **NÃO** será revelada.

Esta pesquisa é realizada com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da UEM. Caso você tenha dúvidas a respeito do estudo ou de seus direitos, ligue para a Prof^a Dr^a Ieda Harumi Higarashi, presidente desse Comitê, no telefone (44) 30114444.

Caso aceite participar, será solicitada sua assinatura neste **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias**; uma delas ficará com você.

Profª Drª Luciana Maria Caetano e Profª Drª Solange F. R. Yaegashi
Coordenadoras da Pesquisa

Telefone da pesquisadora para contato: (44). 33545188; (44). 99480093

Endereço do Comitê de Ética Envolvendo Seres Humanos:

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Biblioteca BCE Campus Universitário Av. Colombo, 5790 CEP 87020-900

Fone: (44). 3011.4444

Cópia do participante

Eu _____, faço constar que fui esclarecido(a) a respeito do propósito desta investigação, da qual aceitei participar, e que autorizo a Profª Drª Luciana Maria Caetano e a acadêmica Camila Fernandes, da Universidade Estadual de Maringá, a utilizarem os questionários respondidos com minha autorização para fins de trabalho científico, publicação em revistas, jornais ou livros, além de apresentação em eventos científicos, respeitando os códigos de ética vigentes para pesquisa no território nacional e com manutenção de sigilo de dados pessoais que possam levar a uma identificação de minha pessoa.

Para que se cumpram os efeitos legais, assino esta declaração emitida em duas vias.

_____, _____ de _____ de 2.013

Cópia da pesquisadora

Eu _____, faço constar que fui esclarecido(a) a respeito do propósito desta investigação, da qual aceitei participar, e que autorizo a Prof^ª Dr^ª Luciana Maria Caetano e a acadêmica Camila Fernandes, da Universidade Estadual de Maringá, a utilizarem os questionários respondidos com minha autorização para fins de trabalho científico, publicação em revistas, jornais ou livros, além de apresentação em eventos científicos, respeitando os códigos de ética vigentes para pesquisa no território nacional e com manutenção de sigilo de dados pessoais que possam levar a uma identificação de minha pessoa.

Para que se cumpram os efeitos legais, assino esta declaração emitida em duas vias.

_____, _____ de _____ de 2.013

ANEXO 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PROFESSORES

PESQUISA: A autoridade dos pais de crianças pequenas: relação escola e família

PESQUISADORAS: Prof^a Dr^a Luciana Maria Caetano do Departamento de Teoria e Prática da Educação da UEM; Prof^a Dr^a Solange Franci Raimundo Yaegashi do Departamento de Teoria e Prática da Educação da UEM e acadêmica Camila Fernandes.

Você está sendo **convidado a participar da pesquisa**: “A autoridade dos pais de crianças pequenas: relação escola e família”, **sob a coordenação da Prof^a Dr^a Luciana Maria Caetano e participação da acadêmica Camila Fernandes**, ambas do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá.

A **pesquisa tem como objetivo** investigar as diferenças de concepções de pais e professores de crianças pequenas (3 a 5 anos) sobre a autoridade dos pais com tais crianças.

A **coleta/geração de dados** será feita através de questionários. O nome da instituição de ensino e do professor não serão expostos na pesquisa. Os questionários serão guardados com todo o sigilo e a ética que deve conter uma pesquisa.

As informações fornecidas têm como propósito a coleta de dados e não trarão benefícios diretos a você nesse momento. Entretanto, sua participação pode contribuir para melhor compreensão da autoridade dos pais com crianças pequenas na concepção de pais e professores.

De acordo com a **Resolução 196/96** do CNS e baseando-se nos princípios basilares da Bioética (autonomia, beneficência, não-maleficência e justiça), você tem o direito de não participar do estudo. Não é um estudo utilizando remédios e nenhum exame complementar será necessário. Sua participação é voluntária e você pode desistir de participar em qualquer momento da pesquisa, sem que isso o prejudique no seu local de trabalho. Sua identidade **NÃO** será revelada.

Esta pesquisa é realizada com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da UEM. Caso você tenha dúvidas a respeito do estudo ou de seus direitos, ligue para a Prof^a Dr^a Ieda Harumi Higarashi, presidente do Comitê, no telefone (44) 3011.4444.

Caso aceite participar, será solicitada sua assinatura neste **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias**, uma delas ficará com você.

Prof^a Dr^a Luciana Maria Caetano e Prof^a Dr^a Solange F. R. Yaegashi
Coordenadoras da Pesquisa

Telefone da pesquisadora para contato: (44). 33545188; (44). 99480093

Endereço do Comitê de Ética envolvendo Seres Humanos:

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Biblioteca BCE Campus Universitário Av. Colombo, 5790 CEP 87020-900

Fone: (44). 3011.4444

Cópia do participante

Eu _____, faço constar que fui esclarecido(a) a respeito do propósito desta investigação, da qual aceitei participar, e que autorizo, a Prof^a Dr^a Luciana Maria Caetano e a acadêmica Camila Fernandes, da Universidade Estadual de Maringá, a utilizarem os questionários respondidos com minha autorização para fins de trabalho científico, publicação em revistas, jornais ou livros, além de apresentação em eventos científicos, respeitando os códigos de ética vigentes para pesquisa no território nacional e com manutenção de sigilo de dados pessoais que possam levar a uma identificação de minha pessoa.

Para que se cumpram os efeitos legais, assino esta declaração emitida em duas vias.

_____, _____ de _____ de 2.013

Cópia da pesquisadora

Eu _____,faço constar que fui esclarecido(a) a respeito do propósito desta investigação, da qual aceitei participar, e que autorizo, a Profª Drª Luciana Maria Caetano e a acadêmica Camila Fernandes, da Universidade Estadual de Maringá, a utilizarem os questionários respondidos com minha autorização para fins de trabalho científico, publicação em revistas, jornais ou livros, além de apresentação em eventos científicos, respeitando os códigos de ética vigentes para pesquisa no território nacional e com manutenção de sigilo de dados pessoais que possam levar a uma identificação de minha pessoa.

Para que se cumpram os efeitos legais, assino esta declaração emitida em duas vias.

_____, _____ de _____ de 2.013
